**LECTIO DIVINA: JESUS E A SAMARITA­NA**

**Jo 4,4-30**

**Introdução**

Depois do Evangelho das Tentações (no princípio do combate) e da Transfiguração (a antecipar a vitória) temos, neste ciclo litúrgico (Ano A), três encontros com Cristo, no caminho para a Páscoa. Podem bem servir-nos de guias, para este encontro, a Samaritana, o cego de nascença e Lázaro, o amigo de Jesus. É evidente a conexão dos temas da água, da luz e da vida com o Batismo. Água, Luz, Ressurreição, são os elementos batismais primários quer para os batizados, quer para os catecúmenos.

O tema de base, nestes três domingos, refere-se ao modo como a fé deve ser constantemente alimentada, não obstante o pecado (a Samaritana), a cegueira (o cego) e a morte (Lázaro). São estes os desertos que atravessamos ao longo da vida e nos quais descobrimos que não estamos sós, porque Deus está connosco.

Em ordem a uma melhor compreensão integrada dos Domingos da Quaresma e particularmente do 3.º Domingo, tenha-se sempre presente a linha dos Evangelhos: Cristo batizado, tentado na sua condição batismal e filial, sai vitorioso (1.º Domingo), confirmado na sua missão filial batismal com a Transfiguração (2.º Domingo) promete a Água da Vida (3.º Domingo), dá a Luz (4.º Domingo), dá a Ressurreição e a Vida (5.º Domingo). A «obra» divina na humanidade do Filho dirige-se, nesta mesma humanidade, com amor, aos homens.

O 3.º Domingo faz-nos encontrar a Samaritana (cf. Jo 4,5-42). Como Israel no Êxodo, também nós, no Batismo, recebemos a água que salva; Jesus, como diz à Samaritana, tem uma água da vida, que sacia toda a sede; e esta água é seu próprio Espírito.

Assim, o pedido de Jesus à Samaritana: «Dá-Me de beber» (Jo 4,7) exprime a paixão de Deus por todos os homens e quer suscitar no nosso coração o desejo do dom da «água a jorrar para a vida eterna» (v. 14): é o dom do espírito Santo, que faz dos cristãos «verdadeiros adoradores» capazes de rezar ao Pai «em espírito e verdade» (v. 23). Só esta água pode extinguir a nossa sede do bem, da verdade e da beleza!Só esta água, que nos foi doada pelo Filho, irriga os desertos da alma inquieta e insatisfeita, «enquanto não repousar em Deus», segundo as célebres palavras de Santo Agostinho.

O simbolismo batismal do episódio é eloquente: a cena decorre em pleno deserto, num dia de calor e à beira de um poço de água. Aqui, no encontro de Jesus com a Samaritana, podemos perceber o Batismo como *metanóia:* conversão a Cristo e conversão que Cristo suscita com a sua Palavra, o seu olhar, a sua ação interior em nós. A Samaritana é a melhor representação dessa cabal conversão: de pecadora é transformada em apóstola, como qualquer cristão que se deixa “perscrutar” pelo olhar transformador de Jesus.

A Samaritana representa a pessoa humana na sua situação de pecado e no seu desejo de felicidade, na sua necessidade radical de salvação. Todavia ela não tem em si própria a salvação, nem o remédio para a sua sede secreta de felicidade e de paz e deve abrir-se ao dom de Deus. Na pele da Samaritana, é preciso darmo-nos conta da rotina da nossa existência e da monotonia da nossa vida, enquanto nestas idas e vindas, progressos e retrocessos, não «quebrarmos a asa do cântaro» desse pobre coração desabitado, onde mergulham os nossos desejos insatisfeitos, perdidos e confusos, de felicidade, de amor e de salvação!

A Samaritana desafia-nos a cavar, na amargura existencial da nossa vida, essa «fonte de água viva». No mais íntimo da felicidade passageira, está um desejo de bem-aventurança eterna. Cristo vem ao nosso encontro. Purifica as águas turvas da nossa história e Ele mesmo torna-Se, em nós, «água viva». Ele é o dom de Deus. É a porta. É o caminho. É a vida, é tudo. Ele é o dom do Pai, o manancial de água viva.

*“Deixemo-nos iluminar por uma página do Evangelho. Não há homem nem mulher que, na sua vida, não se encontre como a mulher da Samaria, ao lado de um poço com uma ânfora vazia, na esperança de encontrar que seja satisfeito o desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência”* (Mensagem final do Sínodo dos Bispos 2012).

**I. LECTIO: QUE DIZ O TEXTO?**

*É importante ler o texto, a sós e/ou em voz alta. Pode sugerir-se a leitura do Evangelho a vozes, para o tornar mais captável. Trata-se agora de ler e reler o texto, palavra a palavra, linha a linha. É importante compreender as partes e o todo do texto, fazendo-lhe perguntas e mais perguntas, procurando identificar pessoas, sentimentos, espaços, tempos, modos de atuar. As perguntas e as respostas são apenas um guião para o diálogo, de modo a ajudar a explorar os pormenores mais ricos do texto.*

1. Onde tem lugar esta cena? Em Sicar, uma cidade da Samaria. Sicar costuma identificar-se com a atual Askar, no sopé do monte Ebal, perto da antiga Siquém e da atual Nablus.
2. Quando? Ao meio dia, literalmente, “hora sexta”. É a hora do sol a pique. Não de noite nem de madrugada.
3. Quem são os personagens principais? Jesus e uma samaritana. O encontro inicia-se com um péssimo ponto de partida. Frente a frente não estão dois rostos, dois nomes, duas biografias, dois sofrimentos, mas duas categorias: um judeu e uma samaritana (Jo 4,9). Tenhamos em conta as velhas rivalidades entre judeus e samaritanos, que vinham dos inícios da monarquia, com a divisão em dois reinos (1 Rs 12); tais rivalidades aumentaram com a reforma de Esdras e Neemias no regresso do exílio, até que se consumou o cisma religioso. Os judeus odiavam os samaritanos pela imigração forçada de cinco povoações pagãs que, em parte, permaneceram fiéis aos seus deuses, simbolizados pelos cinco maridos (Jo 4,18). Um judeu praticante devia abster-se de todo o contacto com os samaritanos; os inimigos apelidavam Jesus de "samaritano".
4. Por onde passa Jesus? O Evangelho diz que Jesus “tinha de atravessar a Samaria” (Jo 4,4). Mas havia alternativas. Podia fazer-se pelo vale do Jordão. Este «ter de» é imperativo do desígnio de Deus e não um circuito geográfico de passagem obrigatória.
5. A quem se assemelha Jesus, ao deambular pelos montes da Samaria? Vejamo-lo nestes dois textos: “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz” (Is 52,7). “Eis a voz do meu amado: ei-lo que vem sobre os montes” (Ct 2,8).
6. Que faz Jesus? Senta-se “com tempo” junto do poço de Jacob. O poço é cenário de noivado: Jacob e Raquel (cf. Gn 29); Moisés e Séfora (cf. Ex 2). O poço é lugar de encontro.
7. Quem aparece? Uma mulher, com quem um rabino não devia perder tempo a falar… e, ainda por cima, da Samaria...
8. Que faz Jesus? Pede… para poder dar. Pede para que seja ela a pedir…O encontro precisa da coragem de quem se faz pedinte, apresentando-se ao outro na sua pobreza.
9. Que pede Jesus? “Dá-Me de beber” (Jo 4,7). E a mulher acabará por pedir «dessa água» (Jo 4,15), símbolo da vida dada por Deus e símbolo do Espírito (Jo 7,37-39).
10. O que é que muda a conversa? O pedido de Jesus: «Vai chamar o teu marido» (Jo 4,16). Resposta da mulher: «*Não tenho marido*». Este “não ter” é muito recorrente no quarto Evangelho: «não têm vinho» (Jo 2,3); «não tem ninguém que o lance à água» (Jo 5,7) e «não tendes nada para comer» (Jo 21,5). A mulher sem marido, que teve cinco e vai no sexto, encontrará em Cristo o verdadeiro «esposo»: afinal Jesus é o 7.º, isto é, o esposo perfeito.
11. Quem se revela? Jesus revela-Se: *«Sou Eu que Estou a falar contigo*» (Jo 4,26).
12. Qual a reação da mulher? Larga o cântaro, o passado, a água antiga; corre à cidade a dizer a todos…torna-se discípula missionária.
13. Como é que ela apresenta Jesus? “Um homem” – essa humanidade aponta para Cristo. Não diz «um judeu» para evitar recusa; não diz «um profeta».
14. O que é desconcertante no fim? No fim, enquanto Jesus fala em «dar», os discípulos andam às compras…
15. Podemos, talvez, fazer um exercício, explorando o mais belo diálogo do Novo Testamento:Trata-se de um diálogo em sete cadências, em que um fala e o outro contesta. Jesus fala sete vezes. A mulher seis.
16. Jesus diz: “*Dá-Me de beber”* (Jo 4,7)*. A mulher* contesta: “*Como é que tu, sendo judeu, me pedes água a mim, que sou uma samaritana?”* (Jo 4,9).
17. Jesus eleva o tom da conversação: “Se *conhecesses o dom de Deus... ele te daria água viva*» (Jo 4,10). Conhecer, na linguagem bíblica, não se reduz a estar informado; implica uma vivência, como se Jesus dissesse: "*Se tu tivesses a experiência da vida que Deus tem para te dar*" (1 Sm 2,12; Os 6,6; Am 3,1-2). A mulher responde estupefacta*: “Como podes dar-me água viva? Serás Tu maior que o nosso pai Jacob?”* (Jo 4,12).
18. Jesus sobe ainda mais o tom da conversa: *Aquele que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede”* (Jo 4,13). A mulher responde, ainda fora do contexto, tentando descer o nível da conversação: “*dá-me dessa água e eu não terei de vir aqui mais buscá-la”* (Jo 4,15)*.*
19. Jesus diz à mulher: “*Vai. Chama o teu marido e volta cá”* (Jo 4,16). Ela contesta: “eu *não tenho marido”* (Jo 4,17). É a viragem decisiva, a viragem moral do diálogo, que até aqui esteve ligado a necessidades básicas e imediatas.
20. Jesus diz: “É verdade. *Não tens marido”* (Jo 4,17-18). E estas palavras operam uma reviravolta na mulher, quando ela diz: “*Senhor, vejo que és Profeta... nossos antepassados prestaram culto a Deus neste monte; vós os judeus dizeis que é em Jerusalém que se deve prestar culto a Deus”* (Jo 4,19-20).
21. Chegamos agora à parte mais longa da conversa, por parte de Jesus: “*Acredita em Mim, mulher. Chegou a hora em que não tereis de subir a este monte nem de ir a Jerusalém. Os verdadeiros adoradores do Pai adoram-no em espírito e em verdade*” (Jo 4,21-24). Diante de semelhante revelação, a samaritana agarra-se ao que sabe: “*Sei que o Messias há de chegar”* (Jo 4,25).
22. E Jesus pronuncia a sétima palavra*: “Sou Eu, Aquele que está a falar contigo”* (Jo 4,26)! É interessante observar que a mulher, por fim, não dá uma resposta verbal, mas prática: deixa o cântaro e vai à cidade dar a notícia.

Estamos, pois, diante de um Discurso que vai subindo de tom: as quatro primeiras frases estão sob o signo da ambiguidade, mas na quinta frase faz-se luz e o diálogo eleva-se até à revelação do verdadeiro culto e do próprio Jesus como Messias. Trata-se de uma revelação progressiva, em que Jesus é reconhecido inicialmente como simples judeu, até ser visto depois como um profeta e anunciado, por fim, como o Messias.

**II. MEDITATIO: QUE ME (NOS) DIZ O TEXTO?**

*Deixemos que as pessoas partilhem os aspetos que mais lhes tocam o coração e a vida. Permitamos que sublinhem ou destaquem uma ou outra frase e justifiquem ou não a sua escolha. Podem fazer-se algumas perguntas, que despertem para outras perguntas. As perguntas aqui apresentadas são apenas inspiradoras e motivadoras. Mas o mais importante é ajudar os participantes a ligar Palavra e Vida. Nesta etapa, não convém prolongar as “discussões” à volta do texto, com mais explicações. Agora, trata-se de o relacionar com a própria vida. Aprendamos a partilhar em grupo as ressonâncias desta meditação.*

Este seria o primeiro «escrutínio» da Quaresma: dar de caras com Cristo, deixarmo-nos purificar e converter pelo seu olhar misericordioso, na certeza de que «águas passadas não movem moinhos»! Para encontrar o fio de água batismal, é preciso cavar mais fundo no poço das nossas misérias. E não o atulhar com o supérfluo das nossas vidas. É o escrutínio da purificação e da conversão. Lendo esta página do encontro de Jesus com a Samaritana, perguntemo-nos:

1. Que quer o Senhor ensinar-me através deste colóquio entre Jesus e a mulher Samaritana?
2. Como me situo nesta cena? Na admiração dos discípulos, na sede da mulher, na sede de Jesus?
3. Que mais me impressiona em Jesus? A sua paciência? A arte de conversar?
4. Que mais me impressiona na mulher? A sua sede? A sua mudança?
5. Que mais me impressiona nos discípulos? A sua distância? A sua admiração?
6. Que densidade espiritual têm as nossas conversas, diálogos e partilhas uns com os outros? Vamos ao fundo das questões ou ficam à tona da água?
7. Sinto realmente sede de Deus? De que tenho mais sede na minha vida?
8. Sou capaz de “vir à fonte” para “ir em frente”? Procuro beber das fontes da alegria? Ou bebo em águas inquinadas?
9. Sou pessoa-cântaro, que dá a beber aos outros da água fresca do Evangelho (cf. EG 86)?
10. Procuro lugares de encontro para o diálogo com o Senhor?
11. Como relaciono esta cena com o meu Batismo?

**III. ORATIO: QUE DIGO EU (DIZEMOS NÓS) AO SENHOR QUE ME (NOS) FALA NESTE TEXTO?**

*Convém acompanhar esta etapa com o silêncio, uma música de fundo, um refrão, um cântico… O orientador deve estar atento, no sentido de ajudar a preencher os silêncios e facilitar a expressão pessoal da oração. As orações aqui propostas são apenas inspiradoras. Uma ou outra oração pode ser usada como oração comunitária do grupo.*

**1.** **Breves invocações**

* *“A minha alma tem sede de Vós, meu Deus”* (Sl 62/63)…
* Senhor, dá-me de beber…
* Senhor, Tu és a água viva…
* Senhor, ocupa-Te de Mim…
* Senhor, eu creio que sois Cristo…

**2. Preces pelos catecúmenos**

Senhor nosso Deus, que nos enviastes o vosso Filho como Salvador, olhai para estes vossos filhos que, como a Samaritana, desejam a água viva. Convertei-os pela vossa Palavra e levai-os a confessarem-se prisioneiros dos seus próprios pecados e fraquezas. Não permitais que nós, levados por falsa confiança em nós próprios, nos deixemos enganar pela astúcia do demónio, mas livrai-nos do espírito da mentira, para que, reconhecendo os nossos pecados, sejamos purificados no Espírito e entremos pelo caminho da salvação. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen (cf. RICA 164).

**3. Oração breve**

Senhor,

se da dura pedra,

tiras um fio de água,

tira do chão desta mágoa

um fio de louvor.

Tira de mim o que não posso dar-Te

e só Tu me dás.

O que ponho em tuas mãos,

são as tuas mãos que o traz!

Maria Eulália Macedo

**4. Ação de graças**

Nós Te damos graças, Deus vivo e verdadeiro,

porque estás no meio do Teu povo.

Tu és a rocha que nos sustenta,

a água que sacia a sede de todos os desertos.

Tu conheces cada um pelo seu nome,

nenhuma história de vida é, por Ti, ignorada.

Tu manifestaste em Jesus Cristo a palavra libertadora

que é, para cada um de nós, palavra de Vida.

Para mostrar o mistério da sua fragilidade,

O Teu Filho sentou-Se, cansado, junto ao poço de Jacob

e pediu à samaritana que lhe desse água para beber.

Depois de ter infundido nela a graça da fé,

incendiou-lhe, no coração, o fogo do seu amor.

Por isso imploramos, da Tua infinita clemência,

que, abandonando o cântaro da malícia,

tenhamos sempre sede de Ti,

fonte de vida e origem da bondade,

para que possamos agradar-Te

ao longo desta Quaresma.

Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Ámen.

**5. Oração de louvor**

Senhor, nosso Deus, louvado sejais, pela Água,

que é tão útil, humilde, preciosa e pura!

Vós criastes a água, para dar fecundidade à Terra

e frescura e pureza aos nossos corpos!

Mas, também, ao longo dos tempos,

preparastes, Senhor, a água,

para manifestar a graça do Batismo:

Logo no princípio do mundo,

o vosso Espírito pairava sobre as águas (Gn 1,2)

prefigurando o seu poder de santificar.

Nas águas do dilúvio (Gn 7,10),

destes-nos uma imagem viva do Batismo,

pelo que as águas significam, ao mesmo tempo,

o fim do pecado e o princípio da santidade.

Vós fizestes atravessar a pé enxuto o mar Vermelho (Ex 14,21-22),

libertando da escravidão do Egito o vosso povo

e matando a sua sede no deserto.

Por meio dos Profetas (Is 44,3-4),

Vós proclamastes a água

como sinal da nova aliança

que quisestes estabelecer com os homens.

O vosso Filho Jesus Cristo,

ao ser batizado nas águas do Jordão (Mt 3,16),

recebeu a unção do Espírito Santo.

“Quando Ele pediu à samaritana água para beber (Jo 4)  
já lhe tinha concedido o dom da fé  
e da sua fé teve uma sede tão viva

que acendeu nela o fogo do amor divino”.

Suspenso na Cruz, do seu lado aberto

fez brotar sangue e água (Jo 19,34)!

Senhor, nosso Deus,

como terra árida, sequiosa, sem água (Sl 63,2),

a nossa alma tem sede de vós,

tem sede do Deus vivo (Sl 42,3).

Que esta água desperte em nós a sede de Deus,

nos faça reviver o Batismo que recebemos,

para que nós, que fomos sepultados com Cristo na sua morte

participemos, agora de coração purificado,

na alegria dos que vão ser batizados,

na Páscoa de Cristo Nosso Senhor,

o Qual é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.

Ámen.

**IV. CONTEMPLATIO: QUE ME (NOS) É DADO VIVER, SENTIR, SABOREAR, DISCERNIR?**

*Talvez a contemplação aconteça fora do tempo e do templo da oração comum, quando os participantes regressam a casa ou percorrem os seus caminhos, deixando que esta Palavra os ajude a viver, a sentir, a saborear e a discernir a vontade de Deus nas suas vidas. Os textos propostos são meramente sugestivos e provocadores para o tempo da contemplação.*

1. Passando à contemplação, vamos perguntar ao Senhor: *Qual é o segredo da sua forma de Se comportar, da sua tranquilidade, do seu desapego?* Pode-nos responder com uma palavra que encontramos com frequência no Evangelho de São João: *O meu segredo é fazer a vontade do Pai, Eu sempre faço o que Ele gosta*.
2. “Na vida quotidiana, muitas vezes os citadinos lutam para sobreviver e, nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso. Precisamos de o contemplar para conseguirmos um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede” (EG 72).

**V. ACTIO: QUE FAZER?**

*Sugerem-se algumas atitudes, algumas ações, algumas resoluções ou decisões para a vida. Obviamente, o mais importante é que os participantes percebam que a Palavra lida, meditada e rezada, tem reflexos na vida concreta. As sugestões são apenas “lembretes”, que ajudam a concretizar a vivência da Palavra. Tenham-se em conta, em cada semana, a proposta da Mensagem do Papa para a Quaresma, alguma proposta diocesana ou mesmo a proposta paroquial, se as houver.*

* 1. Tornar-se pessoa-cântaro *para dar de beber aos outros* (cf. EG 86). Lembrai-vos disto: «*Quem não tem fé não mata a sede! Mas quem tem a graça de a ter, está ligado a uma tarefa enorme: dar desta água bebida um testemunho ao longo de toda a sua vida*» (ERRI DE LUCA, *O caroço de azeitona*, Ed. Assírio & Alvim, Lisboa 2009, 65-66).
  2. Fazer-se discípulo missionário: “*A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus «devido às palavras da mulher*»” (EG 120).
  3. Multiplicar os “poços”, para facilitar o encontro com Jesus. “*Hoje são muitos os poços que se oferecem à sede do homem, mas é preciso discernir para evitar águas poluídas. É urgente orientar bem a busca, para não ser vítima de desilusões, que podem arruinar. Como Jesus no poço de Sicar, também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que O possam encontrar, porque só o seu espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna*” (Mensagem final do Sínodo dos Bispos 2012).
  4. Valorizar a atitude adorante. No final da terceira semana da Quaresma teremos a iniciativa «24 horas para o Senhor» e podemos então valorizar a adoração ao Santíssimo.
  5. Valorizar *a* *água e o pão simples*, em detrimento das bebidas doces, dos refrigerantes, ou dos bolos e da comida plástica. Deste modo, poderemos apurar o sentido do sabor e estaremos mais despertos, para ter fome de Cristo, Pão da Vida e mais preparados para ter sede de Cristo, rochedo de Água Viva, para a vida eterna!
  6. Em comunidade, por que não participar num momento de leitura e meditação do Evangelho deste domingo, junto a um fontanário? Pode concluir-se este momento com a Oração da Bênção da Água (Ritual do Batismo, n.º 54) e aspersão da mesma.
  7. Ir ao encontro dos casais em situações difíceis ou irregulares (uniões de facto, divorciados, recasados) e reintegrá-los na comunidade.
  8. Estabelecer um diálogo com um não crente ou com um não praticante.

**Oração final**

Senhor, Tu esperas-me em todos os poços de água viva. O poço é a minha família, o meu trabalho, o meu lugar. É o meu coração. Eu continuo a chegar, com o meu cântaro vazio, em busca de serenidade e de plenitude. Aparentemente, como a Samaritana, tenho tudo para beber (o poço, o cântaro e a corda), mas nada me sacia. Dá-me dessa água, que alivia o cansaço do meu caminho, que liberta de tantas desilusões, que aclara o meu olhar e coração para ver os outros como irmãos. Ámen.